

Significando a temática *drogas* nos currículos de Ciências e Biologia: análise no ENEBIO (2005-2018)

Signifying the topic of *drugs* in Science and Biology curricula: an analysis of ENEBIO (2005-2018)

Isabella Monteiro Souza da Costa¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro
isbellamscoستا@gmail.com

Beatriz Pereira²

Universidade Federal de Santa Catarina
beatrizsofka@gmail.com

Marcia Serra Ferreira³

Universidade Federal do Rio de Janeiro
marciaserraferreira@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de investigar como a temática das drogas tem sido significada no ensino de Ciências e Biologia. Para tal, realizamos um levantamento de produções acadêmicas veiculadas no Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO), onde encontramos um total de 11 produções que versavam sobre o tema. Inspiradas nas categorizações de Cleiton Lessman, notamos a prevalência de abordagens "preventionistas" e "político-pedagógicas". No diálogo com Thomaz Popkewitz e Michel Foucault, assumindo uma abordagem discursiva, evidenciamos que os sujeitos da educação são produzidos e subjetivados em meio a esses discursos, onde os educadores fixam formas específicas de abordar a temática em sala e os estudantes adquirem uma perspectiva limitada sobre o tema, o que pode refletir em sua abordagem para com outras pessoas sobre o tema. Além disso, evidenciamos que os discursos das diferentes abordagens sobre a temática se entrelaçam, visto que participam da constituição de um mesmo sistema de pensamento cosmopolita.

Palavras chave: currículo; drogas; ensino de Biologia.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela UFRJ, atuou como bolsista PIBIC entre 2015 e 2020.

² Doutoranda do Programa de Educação Científica e Tecnológica da UFSC e bolsista Capes, desenvolve o seu projeto de pesquisa no *Grupo Casulo: pesquisa e educação em Ciências e Biologia*, em articulação com o *Grupo de Estudos em História do Currículo* da UFRJ.

³ Doutora em Educação pela UFRJ, é docente na Faculdade de Educação da mesma instituição, atuando na graduação e na pós-graduação. É bolsista 1D do CNPq, Cientista do Nosso Estado (CNE/Faperj) e líder do *Grupo de Estudos em História do Currículo*, coordenando os projetos de pesquisa *História do Currículo e das Disciplinas: desenvolvimento e uso de uma abordagem discursiva para investigações no ensino e na formação de professores* e *História do Currículo como História do Presente: problematizando as tradições curriculares em diferentes áreas disciplinares*.

Abstract

This paper investigates how the topic of *drugs* has been signified by Science and Biology teaching. To this end, we carried out a bibliographical survey of the academic studies presented at the National Conference for Biology Teaching (ENE BIO), finding 11 studies that addressed the issue of *drugs*. Inspired by Cleiton Lessman's categorizations, we observed a preponderance of "preventionist" and "political-pedagogic" approaches in these studies. Supported by Thomas Popkewitz and Michel Foucault, we assume a discursive approach to our investigation, highlighting that the subjects of education are produced and subjectified amid these discourses, where educators stabilize specific ways to approach the topic in the classroom, students acquire a limited perspective on the matter, reflecting on how they can interact with others about *drugs*. We also point out that discourses from different approaches about the topic intertwine, seeing as they all participate in the constitution of the same cosmopolitan system of reason.

Key words: curriculum; drugs; Biology teaching.

Apresentando o estudo

O presente trabalho tem como objetivo investigar como a temática *drogas* tem sido significada no ensino de Ciências e Biologia. Para realizar essa tarefa, analisamos os discursos veiculados, entre 2005 e 2018, em produções acadêmicas veiculadas no Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO). Interessa-nos, em especial, problematizar o modo como esses discursos fixam sentidos sobre como *deve (e não deve) ser* o ensino da temática, assim como os diversos sujeitos são produzidos e subjetivados em meio a tais discursos.

Ele foi elaborado em articulação com o projeto de pesquisa intitulado 'História do Currículo e das Disciplinas: desenvolvimento e uso de uma abordagem discursiva para investigações no ensino e na formação de professores', que é desenvolvido no *Grupo de Estudos em História do Currículo*, que é parte do NEC/UFRJ. Nele, temos investigado currículos e disciplinas acadêmicas e escolares em uma perspectiva *sociocultural* (POPKEWITZ, 2011b), focalizando os discursos que têm sido historicamente produzidos em meio a um cenário de constante produção e reformulação de políticas educacionais.

Nossa opção pelo ENE BIO refere-se ao fato de que este é o maior evento da área de ensino de Biologia do país, reunindo produções de licenciandos, professores e pesquisadores. O levantamento foi realizado nos anais já disponibilizados na página da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio). Por meio da ferramenta de busca *Ctrl + F*, buscamos os descritores *drogas* ou *entorpecentes* ou *psicotrópicos* ou *psicoativos* ou *substâncias* ou *fumo* ou *tabaco* ou *cigarro* ou *álcool* nos títulos e/ou palavras-chave. Com essa busca, chegamos a um total de 11 textos, codificados de A à L, que passaram a compor o nosso arquivo de pesquisa (vide Tabela 1).

Código do Artigo	Evento	Autores	Título
A	IV ENEBIO (2012)	RAZUCK, F. B.; RAZUCK, R. C. S. R.	O combate ao tabaco na escola – “A interferência da indústria tabagista”
B	V ENEBIO (2014)	NUNES, A. P.	E preciso pensar com a própria cabeça!
C	V ENEBIO (2014)	SILVA, A. P.; NEVES, M. L. R. C.	A formação de professores de biologia no campo do estágio supervisionado: uma análise de atividade investigativa sobre drogas no Ensino Médio
D	V ENEBIO (2014)	SANTOS, F. C.; FONSECA, P. A. S.; TAVARES, M.; MORO, L.	Temas transversais – Enfoque na abordagem e desenvolvimento de temas com ênfase em drogas em um colégio particular de Belo Horizonte
E	VI ENEBIO (2016)	AJALA, L.	Concepção de prevenção do uso de drogas presente em projetos de escolas públicas de Curitiba
F	VI ENEBIO (2016)	SILVA, J. C. F.	A visão dos docentes a respeito do conhecimento e abordagem da síndrome alcoólica fetal
G	VII ENEBIO (2018)	BIAGINI, B.	Saúde humana e drogas psicoativas em livros de Ciências da Natureza do Programa Nacional do Livro Didático 2017
H	VII ENEBIO (2018)	TRINDADE, C. S.; ARAÚJO, E. C.; RODRIGUES, A. S.; REIS, H. J. D. A.; CANTANHEDE, A. M.	Uso de desenhos como estratégia pedagógica para educação em saúde sobre o consumo de drogas
I	VII ENEBIO (2018)	COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S.	Espaços de diálogo e aprendizagem sobre drogas: um conceito estruturador para as ações educativas
J	VII ENEBIO (2018)	FRANCISCO, G. S. A. M.; COELHO, F. J. F.; CAMPELLO, A. R. S.	Materiais bilingües sobre drogas com prioridade para surdos: alcance e possibilidades educativo-preventivas
L	VII ENEBIO (2018)	MARRUL, B. S. A.	Como trabalhar a temática das drogas no ensino básico através da abordagem da educação popular

Tabela 1 – Trabalhos levantados nos anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia de 2005 a 2018.

Para analisar as produções, assumimos uma *abordagem discursiva* como lente teórica, no diálogo com Michel Foucault (2014) e Thomas Popkewitz (1997, 2001, 2010, 2011a, 2011b e 2014). Com essa abordagem, focalizamos os discursos mobilizados nas mesmas, entendendo-os como *superfícies textuais* que vêm fixando significados sobre a temática *drogas*, regulando tanto os conhecimentos quanto os sujeitos (pesquisadores, professores e estudantes) da educação. Compreendemos, portanto, que tais discursos constituem-se como aparatos de regulação informando *quem somos*, como o ensino *deve ser* e como *devemos agir* na abordagem da temática. Nesse movimento, interessa-nos compreender as regras envolvidas na constituição dos *sistemas de pensamento* (POPKEWITZ, 2014) que participam da formação dos *regimes de verdade* (FOUCAULT, 2014), os quais vêm produzindo a forma como a temática *drogas* vem sendo significada nos currículos de Ciências e Biologia. Reconhecemos que tais *regimes de verdade* estão relacionados aos efeitos produtivos de poder, os quais estão implícitos nas características e competências atribuídas às formas de ensinar e aos indivíduos a partir do conhecimento pelo qual raciocinamos sobre nós mesmos como professores, pesquisadores e estudantes. O foco aqui, então, localiza-se em aspectos que definem, segundo

Popkewitz (1997, p. 13)

o que é razoável e bom, o que é irracional e mau; [...] quais as atitudes que nos farão sentir culpados, quais as que são normais, ou quais as regras que podem ser transgredidas.

Analizando os discursos nas produções acadêmicas

Para identificar os discursos sobre a temática *drogas*, inspiramo-nos na categorização em dois grupos efetuada por Lessman (2020). A primeira refere-se à centralidade da temática em 8 das 11 produções encontradas (A¹, B², D³, E⁴, G⁵, I⁶, J⁷, L⁸). Estas apresentam a temática *drogas* como o objeto “principal” (LESSMAN, 2020, p. 55) da discussão feita pelos autores, com grande ênfase e protagonismo. Nas outras 3 produções restantes (C⁹, F¹⁰, H¹¹), a temática das drogas também é discutida, porém de forma “complementar” (LESSMAN, 2020, p. 55) em meio à análise de processos educativos e formativos mais amplos, tais como o desenvolvimento de atividades investigativas no contexto do estágio supervisionado (SILVA; NEVES, 2014), a abordagem de determinados conteúdos específicos (SILVA, 2016) e a utilização de desenhos como estratégia pedagógica (TRINDADE *et al.*, 2018). Nestes últimos 3 trabalhos, o tema das drogas é discutido, mas poderia ser qualquer outra temática já que o foco de análise é menos na temática das drogas e mais no desenvolvimento dessas ações e atividades. No caso do trabalho de Silva (2016), por exemplo, a discussão sobre o consumo de álcool aparece, porém o foco do trabalho é sobre como os educadores abordam o conteúdo referente à SAF – Síndrome Alcoólica Fetal. Não foram encontrados nos anais do ENEBIO trabalhos que fazem apenas “menção” (LESSMAN, 2020, p. 55) à temática das drogas, ou

¹ RAZUCK, F. B. & RAZUCK, R. C. S. R. O combate ao tabaco na escola – “A interferência da indústria tabagista”. In: anais do IV ENEBIO. Goiânia: SBEnBio, p. 1-9, 2012.

² NUNES, A. P. É preciso pensar com a própria cabeça! In: anais do V ENEBIO. São Paulo: SBEnBio, p. 254-262, 2014.

³ SANTOS, F. C. *et al.* Temas transversais – Enfoque na abordagem e desenvolvimento de temas com ênfase em drogas em um colégio particular de Belo Horizonte. In: anais do V ENEBIO. Goiânia: SBEnBio, p. 2059-2071, 2014.

⁴ AJALA, L. Concepção de prevenção do uso de drogas presente em projetos de escolas públicas de Curitiba. In: anais do VI ENEBIO. Maringá: SBEnBio, p. 5968-5979, 2016.

⁵ BIAGINI, B. Saúde humana e drogas psicoativas em livros de Ciências da Natureza do Programa Nacional do Livro Didático 2017. In: anais do VII ENEBIO. Belém: SBEnBio, p. 1626-1633, 2018.

⁶ COELHO, F. J. F. & MONTEIRO, S. Espaços de diálogo e aprendizagem sobre drogas: um conceito estruturador para as ações educativas. In: anais do VII ENEBIO. Belém: SBEnBio, p. 1830-1837, 2018.

⁷ FRANCISCO, G. S. A. M., COELHO, F. J. F. & CAMPELLO, A. R. S. Materiais bilíngues sobre drogas com prioridade para surdos: alcance e possibilidades educativo-preventivas. In: anais do VII ENEBIO. Belém: SBEnBio, p. 3798-3805, 2018.

⁸ MARRUL, B. S. A. Como trabalhar a temática das drogas no ensino básico através da abordagem da educação popular. In: anais do VII ENEBIO. Belém: SBEnBio, p. 5491-5497, 2018.

⁹ SILVA, A. P. & NEVES, M. L. R. C. A formação de professores de biologia no campo do estágio supervisionado: uma análise de atividade investigativa sobre drogas no Ensino Médio. In: anais do V ENEBIO. São Paulo: SBEnBio, p. 469-480, 2014.

¹⁰ SILVA, J. C. F. A visão dos docentes a respeito do conhecimento e abordagem da síndrome alcoólica fetal. In: anais do VI ENEBIO. Maringá: SBEnBio, p. 2551-2561, 2016.

¹¹ TRINDADE, C. S. *et al.* Uso de desenhos como estratégia pedagógica para educação em saúde sobre o consumo de drogas. In: anais do VII ENEBIO. Belém: SBEnBio, p. 1626-1633, 2018.

seja, com a citação das mesmas sem qualquer discussão.

O outro grupo organizado por Lessman (2020) diz respeito ao enfoque temático dos trabalhos investigados. Em nosso levantamento, 10 trabalhos (A, B, C, D, E, F, H, I, J, L) puderam ser categorizados como “estratégias educativas e percepções” (LESSMAN, 2020, p. 55). Essa categoria agrupa os trabalhos que tratam dos seguintes aspectos, segundo Lessman (2020, p. 55):

(...) investigações de processos e/ou estratégias ou percepções de docentes e discentes com características educativas relacionadas ao ensino-aprendizagem; discussões acerca do processo pedagógico e das relações entre alunos, professores e conhecimentos frente à educação sobre drogas.

Dentro dessa categoria, 7 produções (A, B, C, H, I, J, L) salientam o uso e o desenvolvimento de determinadas estratégias e ferramentas educativas para pensar e discutir o tema em sala de aula: a realização de projetos (NUNES, 2014) e de atividades investigativas (SILVA & NEVES, 2014); o uso de desenhos (TRINDADE *et al.*, 2018) e de produções audiovisuais (RAZUCK & RAZUCK, 2012) como estratégia para educação em saúde a promoção de espaços de diálogo e aprendizagem (COELHO & MONTEIRO, 2018); a utilização de materiais bilíngues para estudantes surdos sobre o tema (FRANCISCO, COELHO & CAMPELLO, 2018); a discussão sobre o tema por meio da abordagem da Educação Popular (MARRUL, 2018). Outros 3 trabalhos (D, E, F) estão mais centralmente interessados nas concepções de educadores e/ou alunos para mobilizar as discussões. Nesse segundo agrupamento, apenas 1 (G) trabalho foi categorizado como “análise de material didático” (LESSMAN, 2020, p. 55), visto que ele se detém sobre a caracterização das drogas em livros didáticos de Ciências da Natureza (BIAGINI, 2018).

Ainda em diálogo com Lessman (2020, p. 80), categorizamos os 11 trabalhos encontrados em relação à abordagem da temática *drogas* como “proibicionista”, “prevencionista” ou “político-pedagógica”. Identificamos uma aproximação da abordagem “proibicionista”, com foco no amedrontamento e em modelos mais repressivos de discussão sobre o tema, em apenas 1 trabalho (B). Nele, é relatado o desenvolvimento de um projeto em uma perspectiva ‘antidrogas’ envolvendo todas as disciplinas escolares e com a parceria, por exemplo, da Patrulha Escolar da Polícia Militar do Espírito Santo (PMES), onde na produção, segundo Nunes (2014, p. 259)

um grupo de policiais ministrou palestras de prevenção contra o uso de drogas, explicando as principais formas de acesso das crianças e dos adolescentes às drogas, focando a ação dos traficantes e o interesse dos mesmos no vício e na venda de drogas pelos alunos nas escolas e em outros ambientes sociais.

Além disso, a maioria das atividades desenvolvidas e a própria divulgação do projeto foi baseada nesse modelo de repressão ‘antidrogas’, com a Rádio do colégio sendo utilizada para facilitar “a divulgação do projeto, noticiando todos os eventos do trabalho e estimulando os alunos a cantarem músicas contra o uso das drogas no horário do recreio” (NUNES, 2014, p. 260).

Outros 4 textos (A, E, F, H) se aproximam da abordagem “prevencionista”. Nela, a discussão é centralizada em torno do alerta e da conscientização sobre a decisão de se fazer uso das substâncias, visando seus efeitos e consequências fisiológicas, geralmente considerando a questão da manutenção da saúde e do equilíbrio do organismo. Nesse movimento, as produções acadêmicas fixam ao ensino dessa temática a abordagem preventiva como papel dos professores, que é naturalizada como o modelo ‘normal’ e esperado para se discutir sobre o assunto nas escolas. Com isso, tanto professores quanto estudantes são subjetivados em

meio aos discursos de prevenção. O professor passa a visar a prevenção como o único meio possível para tratar sobre o assunto, de modo que os mesmos podem atribuir o ‘sucesso’ de suas práticas pedagógicas à efetiva mudança do comportamento dos estudantes. Tal abordagem é problematizada por Biagini (2018, p. 1631), para quem:

(...) a abordagem das questões de saúde direciona-se à modulação de comportamentos, advertindo que drogas são perigosas e é melhor manter-se longe delas. Não favorecem compreensões mais elaboradas sobre que perigos são esses, distanciando-se de perspectivas de educação sobre drogas para a redução de danos.

Tal foco na modulação de comportamentos acaba, inclusive, por inscrever a prática pedagógica dos professores em um sistema de *salvacionismo* dos estudantes. Isso acaba restringindo a própria prática do professor em sala de aula, visto que outras possibilidades de se trabalhar o tema acabam sendo descartadas ou nem mesmo cogitadas. Afinal, nessa inscrição em um sistema *salvacionista*, “o normal é suposto e tornado natural como se estivesse relacionado ao que não é normal e está fora do racional” (POPKEWITZ, 2001, p. 47). Nesse caso, as outras possibilidades de abordagem do tema são situadas ‘fora do racional’ e os professores são situados como ‘o outro’ quando optam por trabalhar o tema de forma diferenciada, mais aberta e dialógica, considerando outras narrativas e toda a complexidade envolvida.

Da mesma forma, os estudantes também são subjetivados nessa abordagem meramente preventiva, pois passam a enxergar a prevenção (e o foco nas consequências) como a única forma possível de discutir e abordar a temática *drogas*. Isso é sinalizado no interior de um dos trabalhos, o qual destaca que “a forma com que os alunos tentariam auxiliar um amigo usuário de drogas reflete a forma com que o colégio trabalha tais temas” (SANTOS *et al.*, 2014, p. 2068). Isso também acaba por limitar a forma com que muitos estudantes irão pensar e agir quando abordarem o assunto com algum indivíduo, restringindo-se a mera exposição dos danos causados pelas substâncias, em um movimento que por si só não é educativo, mas prescritivo. Além do exposto, quando o foco da discussão é direcionado unicamente para a questão das consequências e aspectos negativos, a chance de os estudantes desconsiderarem ou ignorarem os discursos sobre o tema aumenta, pois os mesmos percebem que algumas informações estão sendo ocultadas quando olham para o que os cercam, além de que “o fato de saber tais consequências não necessariamente contribui para a redução do consumo de drogas por esses estudantes” (SILVA & NEVES, 2014, p. 477). É nesse sentido que para Santos *et al.* (2014, p. 2070):

(...) limitar os alunos a metodologias de ensino prescritivas e normativas, com foco nas consequências e omitindo informações pode no fim, fazer com que estes aprendam o conteúdo programado, contudo, dificilmente os auxiliará a transpor o aprendizado para suas vidas pessoais.

Em nossa análise, assumimos que tanto a abordagem “proibicionista” quanto a abordagem “prevencionista” apresentam um enfoque reducionista sobre a temática, no qual os discursos ficam restritos às consequências e malefícios da utilização das drogas no organismo, sem discutir aspectos sociais e políticos relacionados à questão. É o que verificamos quando se afirma que “a incorporação dos saberes científicos relacionados à ação das drogas no organismo humano, seus malefícios físicos, psicológicos e emocionais, faz a correlação entre o aprendizado sistemático e o cotidiano dos alunos” (SILVA, 2016, p. 2552). Assim, ainda que tais trabalhos citem ou sugiram uma abordagem interdisciplinar do tema, o que verificamos é que os discursos ficam restritos à Biologia e à Química, visto que a ênfase se dá sobre os aspectos fisiológicos e sem estabelecer, de fato, uma associação com as outras disciplinas.

Nos outros 6 trabalhos (C, D, G, I, J, L), embora a prevenção também apareça, percebemos que há uma abordagem político-pedagógica relacionada à educação sobre drogas como uma forma mais ampla e contextualizada de se abordar a temática. Nas referidas produções, a centralidade do educador também é, de certa forma, reposicionada. É o que verificamos na produção de Coelho & Monteiro (2018, p. 1833), ao se considerar que

o professor é um participante das discussões. Está nela, aprende com ela e a orienta. Ou seja, assume papel mediador nos espaços de diálogo e aprendizagem, a fim de garantir que todos sejam ouvidos.

Em nossa análise, esses trabalhos sugerem um enfoque biopsicossocial dos estudos sobre substâncias, em um movimento que procura pensar a temática levando em consideração toda a complexidade e multidisciplinaridade do tema, apontando para “uma real necessidade de a escola trabalhar a temática das drogas sob a perspectiva da interdisciplinaridade, uma vez que envolve aspectos biológicos, químicos, históricos, sociais, dentre outros” (SILVA & NEVES, 2014, p. 4101). Nesse contexto, algumas análises também sinalizam para a superação da abordagem centrada nas ciências da saúde. É o caso de Biagini (2018, p. 1627 e 1628), a qual ressalta que:

(...) entre as questões relevantes a serem abordadas na escola, além de aspectos biológicos e químicos, estão: as motivações ao consumo de drogas; os diferentes padrões de consumo; os aspectos favorecedores do abuso (entre eles os contextos social e econômico vulneráveis); a relação dos seres humanos com as drogas em diferentes culturas (considerando sua existência desde tempos remotos); a criminalização de algumas drogas, suas justificativas e implicações sociais.

Outro aspecto que pode ser observado dentro de todas as abordagens aqui discutidas é que os discursos se inserem dentro de uma perspectiva “cosmopolita” por meio da mobilização, ainda que indireta e/ou implícita, de uma ideia de “redenção” dos estudantes (POPKEWITZ, 2011a). Nessa perspectiva, de acordo com Thomas Popkewitz (2010, p. 79-80):

A escola é compreendida como uma prática para o governo da sociedade mediante a produção da criança como sua futura cidadã. As novas ciências da criança forneceram estratégias particulares e concretas através das quais foi possível visualizar e administrar quem era e quem deveria ser a criança, bem como quem não se enquadrasse nesse espaço iluminado do futuro cidadão.

No caso das produções pautadas nas abordagens “proibicionista” e “prevencionista”, essa administração de quem deve ser o estudante se manifesta a partir de uma modulação explícita de comportamentos, como citado anteriormente. Já nas produções inseridas no âmbito da abordagem “político-pedagógica”, essa modulação se dá por meio de discursos que mobilizam, em algum nível, o desenvolvimento da criticidade, da autonomia, do protagonismo e da emancipação dos estudantes. É o que verificamos, por exemplo, quando os autores Coelho & Monteiro (2018, p. 1835) declaram que

entendemos que tais espaços [de diálogo sobre drogas] favorecem posturas mais autônomas e responsáveis dos estudantes. Tal enfoque converge para uma visão mais transformadora de educação marcada pela emancipação do estudante, um dos princípios da RD.

Assim, ainda que a abordagem “político-pedagógica” avance em relação às demais ao investir em formar jovens autônomos, críticos e protagonistas do seu próprio conhecimento, ela permanece inserindo o ensino da temática *drogas* em um *sistema de pensamento cosmopolita* (POPKEWITZ, 2014), o qual corporifica modos de aprender e de agir no mundo, dizendo

tanto quem os estudantes são (como também quem eles devem ser) e, portanto, subjetivando-os em meio a tais teses. Tais movimentos acabam, em todas as abordagens, por incorporar uma noção de *redenção* dos alunos, como se estes precisassem ser *salvos* mediante a prática pedagógica e também promovendo certas exclusões, caso tais estudantes não alcancem/apresentem essas qualidades desejáveis.

Tecendo algumas considerações

Neste trabalho, analisamos como o ensino de drogas tem sido significado em produções acadêmicas, tomando o ENEBIO como foco de análise. Inspiradas nas categorizações de Lessman (2020), assumimos a prevalência de abordagens “prevencionistas” e “político-pedagógicas” nos trabalhos analisados. É importante ressaltar, no entanto, que os discursos dessas abordagens se entrelaçam, uma vez que participam da constituição de um mesmo *sistema de pensamento cosmopolita*, conforme enunciado por Popkewitz (2014). É nele, por exemplo, que a noção de prevenção foi sendo forjada em meio a instauração de um movimento de guerra às drogas. Nesse processo, diferentes discursos tornam-se híbridos, pois não encontramos discursos que se inserem dentro de apenas uma abordagem, mas que se mesclam.

Em meio a esses discursos, percebemos que os sujeitos da educação são constantemente produzidos e subjetivados de diferentes formas. Os professores fixam certas formas de abordar a temática em sala, geralmente detendo-se mais fortemente aos discursos de prevenção e almejando uma mudança de comportamento por parte dos estudantes. Os estudantes são também subjetivados, tendo uma perspectiva muito limitada sobre o tema, o que refletirá em sua abordagem para com outras pessoas sobre o assunto. Em todo esse processo, há um apelo de *redenção* inscrito nos discursos sobre a temática *drogas* que não se resume apenas a abordagem “prevencionista”, mas que também se estende a “político-pedagógica”. Com isso, os estudantes são produzidos como aqueles indivíduos que precisam ser *salvos* por meio de discursos que exaltam uma busca por emancipação, protagonismo e autonomia. De acordo com Thomaz Popkewitz (2011a, p. 367), esses estudantes, ao serem assujeitados para agir de modo autônomo e aprimorarem a si mesmos e ao mundo continuamente, são situados em um espaço de “aprendentes por toda a vida”, um sujeito “cosmopolita inacabado”, evocando uma ideia de agenciamento constante por parte dos indivíduos sobre suas próprias condutas.

Agradecimentos e apoios

Este trabalho foi realizado com o apoio da Capes, do CNPq e da Faperj.

Referências

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LESSMAN, C. **A Educação sobre Drogas “em cima da mesa”**: estado do conhecimento na área de ensino. Dissertação. (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, UFSC. Florianópolis, p. 150, 2020.

POPKEWITZ, T. S. **Reforma educacional**: uma política sociológica. Poder e conhecimento em educação. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

POPKEWITZ, T. S. **Lutando em defesa da alma:** a política do ensino e a construção do professor. Porto Alegre: Artmed, 2001.

POPKEWITZ, T. S. **Ciências da educação, escolarização e abjeção:** Diferença e construção da desigualdade. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre, 35(3), 77-98, 2010.

POPKEWITZ, T. S. **Cosmopolitismo, o cidadão e os processos de abjeção:** os duplos gestos da pedagogia. Cadernos de Educação. Pelotas, (38): 361-391, jan./abr. 2011a.

POPKEWITZ, T. S. História do Currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. (org.). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 173-210, 2011b.

POPKEWITZ, T. S. 2014. **Social Epistemology, the Reason of “Reason” and the Curriculum Studies.** Education Policy Analysis Archives, v. 22, n. 22, p. 1-23, 2014.